O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

18.° Anno — XVIII Volume — N.° 581

15 DE FEVEREIRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Terminou os seus trabalhos, na segunda feira 11 do corrente, o Congresso Viticola.

Fôram importantissimos esses trabalhos que durante uma semana tiveram a habilidade de interessar vivamente a attenção, não só de Lisboa como do paiz inteiro, e temos todo o direito a esperar que dos trabalhos d'esse congresso, que tão concorrido foi, saiam resultados practicos que fomentem o engrandecimento agricola e vinicola da nossa terra.

Teve oito sessões ordinarias o congresso, sete diurnas e uma nocturna, todas ellas realisadas na grande sala da bibliotheca da Academia Real das Sciencias e todas ellas presididas com grande assiduidade e summa intelligencia pelo sr. conde de Bertiandos um dos mais illustres e talentosos agricultores do nosso paiz.

Durante essas oito sessões, que foram muito concorridas, discutiram-se largamente e por vezes acaloradamente as questões mais importantes da viticultura como, plantações definitivas e culturas, fabrico e preparação dos vinhos e sua classificação, viveiros e enxertias, parasitas vegetaes, doenças dos vinhos, condições economicas da viticultura portugueza em face das modernas exigencias culturaes, fiscalisação aduaneira, direitos de barreira, que muitos dos mais eloquentes oradores do congresso consideraram como principal factor da adulteração e falsificação dos nossos vinhos, approvando por unanimidade o congresso as seguintes conclusões:

«Que a producção vinicola do paiz se póde classificar nos seguintes grupos:

1.° Vinhos generosos.
2.° Vinhos de pasto de consumo directo.
3.° Vinhos espumosos.
4.° Vinhos para distillação.
5.° Vinhos de lote.

O congresso, considerando que este ultimo grupo é o mais consideravel e tem mantido a relativa superioridade dos nossos vinhos, entendeu que a orientação da nossa industria vinicola deve ser, quanto possivel, augmentar a producção dos vinhos de consumo directo.

— que é da maior urgencia que os agricultores se aggremiem em syndicatos, em cooperativas, em qualquer fórma de associação, para promoverem a venda directa dos seus vinhos.

— que emquanto uma colligação das associações não puder sustentar em Lisboa um mercado para venda directa dos productos agricolas o congresso julga conveniente lembrar aos viticultores a conveniencia de fazerem as suas transacções pelo Mercado Central de Productos Agricolas.

— a fundação d'uma grande companhia vinicola em que entrem vinicultores e commerciantes que tomem o encargo de collocar os nossos vinhos nos mercados externos

Nas discussões do congresso tomaram parte activissima os senhores: Henrique Mendia, Amandio Seabra, Alfredo Barjona, Silveira Proença, Tavares Silva, Antonio Batalha Reis, Manuel Gomes, Albano Coutinho, Corfeia da Fonseca, padre Benevenuto de Souza, Visconde de Chancelleiros, Izidoro de Sousa, Visconde de Villarinho de S. Romão, Justino Freire, José Francisco Grillo, Cincinnato da Costa, Visconde de Coruche, Moreira da Fonseca, Mello e Faro, Simões Margiochi, Pestana da Silva, Conde do Paço do Lumiar, Barros e Cunha, Padre Marçal dos Santos, Mendes Guerreiro, Oriol Pena, Dias da Silva, Francisco Grillo, Charters Crespo, Martins de Carvalho, Elvino de Brito, D. Luiz de Castro, José Luiz da Cunha, Costa Pinto, Pinto da Fonseca, Costa Lima, Ernesto Gomes da Silva, Manuel Machado, Thomaz de Castro, Vasconcellos, João Evangelista, Rebello da Silva, Pinto Machado, Affonso Cabral, Andersen, Salvador Gamitto, José Verissimo d'Almeida, Guilhermino de Barros, Antonio Xavier Pereira Coutinho, Lopes de Carvalho, Mario Vianna, Correia da Fonseca, Bernardino Machado, Sertorio Pereira, Filippe da Silva, Rojão, Santa Rita, Conde de Samodães, Sousa Camara, Borges de Sousa, Antonio de Sousa Rebello, Izidoro de Sousa, Adriano Monteiro, Sotto Maior, Justino Freire, Cálem Junior, Marques da Cruz, Terenas, Alexandre de Figueiredo, etc., etc.

Entre os discursos pronunciados houve alguns muito notaveis como os dos srs. conselheiro Bernardino Machado, Elvino de Brito, Verissimo d'Almeida, Visconde de Chancelleiros, que foi um dos oradores que mais calorosa ovação mereceu do congresso, e que no seu ultimo discurso fez uma communicação pessoal de grande interesse para a politica portugueza.

Momentos antes de se encerrar o congresso o sr. Visconde de Chancelleiros ousou da palavra e fazendo um levantado elogio ao illustre presidente do congresso, o sr. Conde de Bretiandos e aos cavalheiros que constituiam a mesa e propondo um voto de louvor á Associação de Agricultura pelos relevantes serviços prestados, disse que o

JOSÉ EDUARDO DE MAGALHÃES COUTINHO

FALLECIDO EM 13 DE JANEIRO DE 1895

(Copia de uma photographia do sr. A. Bobone)

congresso actual ficava sendo um elemento de grande ponderação para a orientação politica e economica do paiz.

«A terra é a primeira razão de grandeza d'um povo, disse o illustre orador, é o vinculo da nacionalidade; o que faz nutrir o respeito pelo passado, o que alenta a esperança no futuro.

«Não ha força nem crise, por maiores que sejam, que quebre o nosso amor á terra. D'ella vivemos e para ella vivemos.»

Disse que era hora solemne aquella em que tantos centenares de trabalhadores da terra se reuniram em congresso e que elle, orador, fôra ali aprender muito. Que estava alheiado da politica, mas que tem que voltar a ella agora, para que nas altas estações officiaes sejam por ella ponderadas e cumpridas as resoluções do congresso, que nomeando-o seu presidente honorario, honra de que mais se orgulha, lhe impoz esse encargo, que elle saberá cumprir.

Estas palavras do brilhante orador foram cobertas com calorosos applausos, que se prolongaram por muito tempo.

Depois d'este eloquente discurso que enthusiasmou toda a assembléa, o sr. Conde de Bretiandos, presidente do congresso, tomou a palavra para agradecer o voto de louvor que á mesa fôra dado, para agradecer e louvar a cooperação que encontrou em todos os congressistas e na imprensa, e encerrou o congresso, levantando a sessão no meio de enthusiasticos vivas á Associação Agricola, ao sr. Conde de Bretiandos, aos viticultores portuguezes, etc.

E assim terminou o congresso de que tanto ha a esperar para o engrandecimento da nossa viticultura.

No dia immediato ao encerramento do congresso, os congressistas antes de seguirem cada qual para as suas terras, reuniram-se todos n'um banquete no Hotel Internacional, banquete durante o qual reinou sempre a maior alegria e que terminou com enthusiasticos brindes.

* * *

Está escripto que não podemos escrever chronica alguma nos tempos que vão correndo sem ter que dedicar algumas linhas á necrologia.

Hoje temos a entristecer a nossa chronica de Lisboa a noticia da morte d'uma virtuosa e santa senhora, cuja perda foi muito sentida e cujo funeral foi uma eloquente demonstração de respeito e estima, a morte da ex.ma sr.ª D. Maria José Huet Bacellar, esposa estremecida do nosso presado amigo o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real e cunhada do sr. conselheiro José Luciano de Castro o illustre chefe do partido progressista

Esposa exemplar, modelo de mãe carinhosa e dedicada, a chorada morta era uma senhora das mais distinctas que temos conhecido, já pelo seu nascimento, já pela sua intelligencia, já pelos raros dotes de espirito e de coração que a faziam adorada por todos que a conheciam.

A sua morte foi perfeitamente a morte d'uma santa; uma morte tranquilla, serena, como serena e tranquilla fôra toda a sua vida, morreu sem um gemido, sem um arranco, sem uma agonia, sem um ai; deitou-se a dormir, e a dormir ficou.

Como esse somno se prolongasse, seu marido e seus filhos, que a estremeciam e que a rodeavam dos mais carinhosos e sollicitos cuidados, acercaram-se varias vezes d'ella um pouco preoccupados. A santa senhora estava tão serena, tão calma que parecia dormir o mais feliz dos somnos.

Hesitavam em accordal-a.

Por fim, já cheios de susto e parecendo-lhes que era demasiado esse somno, debruçaram-se para ella. Não respirava. Estava morta. Passara da vida á morte como que sem dar por isso.

Comprehende se facilmente a dôr enorme, a surpreza terrivel que dilacerou n'esse momento o coração do esposo e dos filhos que a estremeciam.

Acompanhamol os na sua grande dôr e d'aqui lhes enviamos a expressão sincera do nosso pezame pela grande perda que acabam de soffrer.

* * *

Na occasião de terminar esta chronica chega-nos ás mãos um elegante volume illustrado, d'uma nova bibliotheca formada pelo sr. Gomes, o conhecido livreiro-editor do Chiado

A bibliotheca intitula se *Bibliotheca Militar Illustrada*, e o volume é o primeiro da collecção: *Tropheus*, episodios da vida militar, escriptos pelo nosso amigo Bento da França illustre capitão de cavallaria e escriptor já muito distinctamente apreciado, e illustrado pelo sr. Ribeiro Arthur.

Agradecendo ao sr. Bento da França a amabilidade da offerta do seu livro, vamos lêl-o com a attenção que nos merecem os seus escriptos, e d'elle diremos proximamente aos nossos leitores, logo que os acontecimentos da semana nos permittam dedicar uma das nossas chronicas a livros, e já não são tão poucos como isso os que temos sobre a nossa mesa de trabalho á espera d'esse momento.

Gervasio Lobato.

MAGALHÃES COUTINHO

Acaba de fallecer, da doença e da edade, este professor notabilissimo, que foi um dos portuguezes illustres do nosso tempo, e tão grande na medicina como o foram Alexandre Herculano nas lettras e o marechal Saldanha nas armas.

Geração de fortes foi essa, a que Magalhães Coutinho pertenceu; geração que nos deu em cada campo da actividade social homens de prestimo e valor reconhecido, e ainda produziu em todos os campos varões de mais altas faculdades e mais assignalados serviços, cuja passagem na vida foi uma marcha triumphal por entre os applausos dos seus pares.

Magalhães Coutinho foi um dos triumphadores; e, assim como os litteratos applaudiram Herculano quando purificou a historia, e os guerreiros acclamaram Saldanha quando os conduziu ás victorias da liberdade, assim os seus confrades o celebraram a elle quando democratizou a sciencia.

Os clinicos, que exercem a profissão n'este ultimo quarto de seculo, por essa profissão são considerados, e uns aos outros apertam a mão na mais perfeita camaradagem, venham d'onde vierem e seja qual for a escola de que procedam, não podem nem sequer imaginar que separação de jerarchias houve no primeiro quarto, e que luctas se travaram no segundo para se chegar á egualdade de hoje.

Em cima, sobranceiro e arrogante, estava o medico; em baixo, humilde e rasteiro, estava o sangrador; entre os dois, e mais comparado ao ultimo do que ao primeiro, estava o cirurgião.

A sociedade distinguia os, não por gradjações de classe, mas quasi por privilegios de casta; e por caso nenhum *o bramane*, que vinha doutor da Universidade, daria logar ao pé de si ao *paria*, que sahia senhor Fulano da Escola de cirurgia.

A sociedade, aristocratica como o era então a nossa, admittia de boamente que assim devesse ser; e a ella, que no foro não confundia os desembargadores com os magistrados menores, no exercito differençava os cadetes dos officiaes de promoção, e em todos os misteres se preoccupava com a distincção das artes em liberaes e mecanicas, nada lhe repugnava acceitar que o cirurgião fosse um triste cultor das ultimas.

E não era de todo injusto o conceito!

Da escola de cirurgia saiam uns mecanicos tão faltos de doutrina medica, tão alheios ás sciencias naturaes, e por consequencia tão artifices na execução cirurgica, que raro algum d'elles, e só por prodigios de talento, se eleva, sem por isso nobilitar os outros.

Com as reformas da politica liberal tudo mudou no segundo quarto do seculo. O legislador deliberou crear cirurgiões sabios; organisou cadeiras de medicina nas Escolas de cirurgia, e egualou-os em estudos, quanto possivel, á Faculdade de Coimbra, deixando comtudo a esta o exclusivo dos graus, e umas differenças de programmas, que o justificassem.

Os habitos, porém, puderam mais do que as leis.

A consideração publica manteve-se diversa para os doutores e para os cirurgiões-medicos, que não eram doutores, como ainda hoje o não são. Surgiram ciumes, rivalidades, interesses, e ateou-se a guerra. Vieram os discursos, os escriptos, e até as punhadas. Veiu tudo menos a victoria, que essa estava guardada para outros campeões, que usassem de outros meios, e foi Magalhães Coutinho o primeiro entre elles.

Homem culto e douto, que sempre a proposito citava e commentava gregos e latinos; espirito critico de primeira ordem, que apurava, como n'um crisol, as mais confusas theorias da medicina; sabio de vastos conhecimentos, que, sem difficuldades nem hesitações, ia buscar uma prova de occasião á historia, á geographia, á litteratura, e á philosophia, quer antigas quer modernas; bocca de ouro que destillava mel, e orando no mesmo tom em que conversava, sem intenção de raptos ou fascinações, explicava, aclarava, illuminava, de modo que, ouvil-o, era comprehender, era saber, era enriquecer; artista de finura extrema, que punha nas operações os primores da execução; e sobretudo isto um homem forte, viril, com uns olhos falladores que ajudavam á comprehensão, e um porte digno mas singelo, tão despretencioso na affabilidade, tão natural na insinuação, que vel-o e ouvil-o na cadeira era de um estudante se lhe dedicar para sempre.

Tal era esse grande medico e grande cirurgião, na Escola de Lisboa o professor mais procurado, mais respeitado, e mais querido, que teve sempre, espontaneos e sinceros, o amor e a admiração dos que foram seus discipulos.

Os estudantes amavam no; os estranhos encantavam se; os mesmos doutores iam ouvil o; e, só vel-o e ao escutal-o, ninguem se lembrava de lhe perguntar se elle era tambem doutor! O que, mesmo sem o querer, cada um ia meditando, era que uma escola, em que ensinavam professores como Magalhães Coutinho, devia ser um viveiro de homens de saber, que na pratica da sua profissão teriam elevação e competencia, sendo mal trazidos para a comparação os fósseis desapparecidos.

Mais do que nenhum outro foi esse *cirurgião* quem derrogou supremacias que se firmavam na duração dos tempos, e egualou em cathegoria os que, por natureza do seu officio, formavam uma só classe.

Democratizou a medicina, ou, se melhor parecer, aristocratizou a cirurgia, e poderá bem attribuir se lhe um pensamento semelhante ao que a anedocta refere d'aquelle marechal do imperio, a quem um fidalgo impertinente notava para as suas grandezas de duque a falta de antepassados, e que desdenhoso respondeu:

— *Sim, meu caro, vós sois os netos, e nós somos os avós.*

E depois aquelle professor era um estimulo. Todos os mais haviam de querer ser dignos de um tal companheiro. E queriam, e eram no, e dedicavam-se de coração a instruir bons cirurgiões, a cuidar de que fossem verdadeiros *cirurgiões medicos*, e assim passaram o nivel sobre orgulhos extemporaneos, assim fizeram da medicina dos deuses a medicina dos homens, e assim acabaram com a lenda de que os seus segredos fossem effectivamente segredos, que não estivessem ao alcance de quem os estudasse em qualquer escola, que em qualquer parte se abrisse, quando n'ella professassem mestres dignos de tal nome.

Como o heroe antigo que, findo o combate, se recolheu a sua tenda pacifico e despreoccupado, o professor illustre, terminada a lucta de redempção, retirou-se para viver com os seus classicos, tão arredado dos collegas, que os mais moços d'elles não chegaram a conhecel o. Nos ultimos annos, molestado pelas consequencias de uma grave molestia, que ao seu grande espirito impedia uma demorada tensão, mais se confinou no isolamento, mas, ahi, era ainda da sua epoca gloriosa do professorado que muito se recordava, e o que muito o sensibilisava era que os seus discipulos tambem d'essa epoca se recordassem.

Tive, ha dois annos, de ser o interprete da minha classe na homenagem prestada á memoria do eminente cirurgião Antonio Maria Barbosa. Porque tratasse da cirurgia portugueza não pude deixar de referir-me aos seus ornamentos, e fallei dos dois, a quem a sciencia, o paiz, e a profissão, tanto devem — Ribeiro Vianna e Magalhães Coutinho. Commoveram-se os dois velhos professores com o fazer eu justiça aos seus dotes superiores, e ambos me escreveram o que a sua commoção lhes dictou, em cartas que eu guardo como memorias preciosas. Na sua dizia Magalhães Coutinho que, de todos os annos da sua vida, os de professor na Escola de Lisboa eram aquelles de que unicamente, e sempre saudoso, se lembrava.

Foram essas palavras escriptas as ultimas com que me honrou o velho sabio que acaba de fallecer, podendo bem, no seu ultimo instante, ter dito como o bom operario:

— Não perdi o meu dia! —

Não perdeste, não, amado mestre; e foi esplendido o teu dia!

M. Bento de Sousa.

NOTAS BIOGRAPHICAS

José Eduardo de Magalhães Coutinho era filho de José Bernardo de Magalhães Coutinho, official do exercito, nasceu em 24 de outubro de 1815, em Evora, onde aprendeu as primeiras lettras, indo estudar depois latim em Torres Novas.

Em 1828 Magalhães Coutinho veio para Lisboa onde aprendeu grego, logica, historia e rethorica.

Em 1831, entrou para a escola Regia de Cirurgia. Tinha então desesseis annos; ali estudou anatomia e materia medica.

Quando, em 1833 se organisaram os batalhões academicos, alistou-se n'elles, servindo por pouco tempo, pois que depois da acção de 5 de setembro de 1834 foi requisitado pelo cirurgião mór Lourenço Felix Sardinha, director do hospital da Estrella, a fim de o ajudar no tratamento dos feridos. N'esta epoca fez acto do terceiro anno do curso o qual acabou em 1836.

Em 1837 acompanhou o marechal Saldanha ao Chão da Feira, e em 28 d'agosto d'esse anno fez a primeira operação cirurgica. O operado fôra o conde de Villa Real, a quem uma balla de artilheria levara a perna direita.

Voltou a Lisboa em fins de 1837, e por essa epoca tratou de habilitar-se aos logares de magisterio na Escola Medica. Explicou anatomia e frequentou os cursos de chimica, physica, botanica e zoologia.

Durante as epidemias do cholera e febre amarella, foram relevantes os serviços prestados com uma dedicação notavel que lhe mereceu os mais justos elogios.

Foi nomeado demonstrador da secção cirurgica da Escola Medica, por decreto de 14 de janeiro de 1845; lente substituto em 13 de dezembro do mesmo anno e proprietario em 6 de agosto de 1850. Jubilou-se em 3 de junho de 1875.

O dr. Magalhães Coutinho era viuvo ha dez annos da ex.ma sr.ª D. Henriqueta Coutinho, que lhe deu tres filhas, as sr.as D. Engracia, casada com o sr. Abilio Moraes de Carvalho, empregado da casa real, D. Luiza e D. Raphaela, que todas vivem em casa de seu pae, bem como a sr.ª D. Marianna Gabriella de Magalhães Coutinho, irmã do finado, e sua sogra D. Helena Romana Madureira.

O extincto era medico da casa real, bibliothecario da bibliotheca d'Ajuda e foi secretario de El-rei D. Luiz I que tinha por elle a mais particular estima. Era socio da Academia Real das Sciencias e socio fundador da Sociedade das Sciencias Medicas.

Foi director geral da instrucção publica e membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, director da Escola Medica e membro do Conselho de Saude.

Era condecorado com as grã cruzes de S. Thiago e de Christo; commendador da Conceição e da Torre e Espada; medalha da febre amarella e outras; Commenda da legião de Honra, de França, de S. Mauricio e de S. Lazaro, de Italia; de Leopoldo da Belgica, do Leão Neerlandez, etc.

Possuia tambem o titulo de conselheiro.

Foi no dia 13 de janeiro do corrente anno que falleceu o venerando medico.

Os Territorios da Companhia de Moçambique

As colonias portuguezas tanto tempo esquecidas e abandonadas, prendem actualmente a attenção de todos os que procuram resolver o difficil problema de melhorar as condições do paiz, levantando-o do abatimento em que jaz.

Crê se com fundadas rasões que no desenvolvimento colonial e no aproveitamento das riquezas existentes nas nossas vastas possessões ultramarinas, está o primeiro e mais valioso remedio a muitos dos maiores males que affligem a nação.

Declaram comtudo os nossos estadistas, não poder o estado empreender por si só todos os melhoramentos necessarios ao desenvolvimento colonial, porque a isso se oppõem as precarias circumstancias em que se encontram os cofres publicos. Alguns mesmo teem pensado na vantagem de alienação de uma parte d'essas colonias, para o producto ser vantajosamente applicado ao desenvolvimento das que restassem. Mas por menos conforme com a opinião publica, foi este alvitre posto de parte e resolveu-se appellar antes para os capitaes particulares, pela formação de grandes companhias com direitos e deveres que, garantindo a integridade do territorio que se lhes cedesse, o explorassem e abrisssem a todas as manifestações do trabalho commercial, industrial e agricola.

Assim se organisou a Companhia de Moçambique, que reconstituida pelos decretos de 11 de fevereiro e de 30 de julho de 1891, começou os seus trabalhos em Africa a partir de maio do anno seguinte.

* * *

Os extensos territorios que pelos referidos decretos lhe foram concedidos na provincia de Moçambique, occupam toda a zona limitada ao norte e ao noroeste pelo curso do rio Zambeze, desde a sua bocca mais meridional, e pela fronteira actual do districto de Tete; a oeste pela fronteira interior da provincia; ao sul pelo curso do rio Save, até a sua barra mais meridional; ao oriente pelo Oceano.

Posteriormente nova concessão veio augmentar pelo sul os territorios já cedidos, sendo os limites d'esta nova concessão, conforme o decreto de 22 de dezembro de 1893: — ao norte o curso do rio Save desde a sua foz até á sua confluencia com o rio Lunde; a oeste a fronteira da provincia até ao rio Limpopo, seguindo este rio até ao ponto em que elle é cortado pelo meridiano 32 perto de Chahalata: ao sul pela linha recta que vae desde este ultimo ponto até aquelle em que o meridiano 33 corta o parallelo 22, seguindo por este parallelo até ao mar, e a leste pelo Oceano.

Dotada de largas faculdades administrativas, e propondo-se explorar as riquezas espalhadas pelo solo de toda aquella vastissima região, tem a Companhia de Moçambique, em pouco mais de dois annos realisado importantes melhoramentos, começando por estabelecer todos os serviços indispensaveis a substituir de prompto a acção do governo do Estado nos territorios que lhe foram concedidos, e applicando-se depois aos estudos e trabalhos indispensaveis a conhecer o valor de terrenos até agora abandonados ou pouco aproveitados.

A Beira, principal povoação que a Companhia escolheu para séde da sua administração em Africa, era uma simples lingua de areia rudemente atacada pelo mar. O seu porto visitado apenas por barcos de pequena lotação, por serem pouco conhecidas as condições do canal que do mar largo conduz ao interior do rio Pungue, é hoje,—depois de levantada pela Companhia a planta da bahia e e foz do referido rio, indicando com a precisa exactidão as profundidades do canal, a posição dos baixos e a collocação das boias, — accessivel aos navios de grande lotação, como são os paquetes das Companhias ingleza e allemã que fazem a carreira da Europa para a Africa oriental, entrando no porto da Beira sem receio de qualquer accidente. O trabalho de balisagem foi demorado e dispendioso, mas collocou o porto nas melhores condições para a navegação. Construidas já duas torres de pharoes, a da Ponta Jea e a do Chiveva, servem ellas de marcação durante o dia e de guia durante a noite aos navegantes que demandam aquellas paragens.

Conta a Beira já numerosas edificações apropriadas ao fim a que se destinam e ao local em que são levantadas, satisfazendo perfeitamente ás commodidades dos seus habitantes

A casa para residencia do governador, a alfandega, os edificios para as diversas repartições, a casa para residencia dos empregados, o matadouro, a casa para officinas de serrelheria e carpinteria e deposito de materiaes e ferramentas, o quartel, a imprensa e o mercado, foram as construcções a que a Companhia primeiro attendeu e se acham completas e funccionando.

(Continúa). *J. D.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CASTELLO DE TRANCOSO

Que de recordações historicas encerra esta villa da provincia da Beira Baixa, uma das mais antigas de Portugal, e que já existia antes da conquista d'estes reinos por D. Affonso Henriques.

A villa de Troncoso é cabeça de concelho e de comarca, 56 kilometros a E. de Vizeu e 45 ao S. da Guarda, situada em uma formosa planicie erguendo-se em um dos extremos, o seu vetusto castello sobre uma pequena elevação do terreno.

Toda cercada de muralhas, na circunferencia de um kilometro de diametro, tem ingresso por quatro portas: as de *El-rei*, do *Prado*, de *S. João* e do *Carvalho*, e tres postigos: o da *Traição*, do *Olhinho do Sol* e o do *Boririnho*.

O castello tem uns 200 metros de circunferencia, com cinco torres, tendo no centro a torre mais elevada de menagem. As torres estão desmanteladas e as ameias derruidas, conservando-se comtudo as muralhas.

O castello de Trancoso defendeu por muitas vezes a povoação desde o tempo dos moiros na peninsula até aos primeiros tempos da fundação da monarchia portugueza, sustentando ainda poderosa resistencia aos attaques de Castella.

Assim tendo sido a povoação de Trancoso reedificada e povoada pelos moiros em 930 da era christã, foi resgatada em 1038 pelo rei Fernando, *O Grande*, de Castella. Conjuntamente com Trancoso, resgatou tambem Cea, Vizeu, Evora e Beja, povoações da Luzitania, mas que já a esse tempo se chamava Portugal.

Foi então povoada de christãos e quando D. Affonso VI de Hespanha, casou sua filha D. Thereza com o conde D. Henrique, 1093, deu-lhe em dote estas terras que fasiam parte do novo reino de Portugal.

Não tardou, porém, muitos annos que os moiros voltassem a querer occupar Trancoso, como ponto importante da provincia, e para isso vieram de Badajoz pôr apertado cerco á povoação por 1131. Commetteram grandes atrocidades e a villa esteve quasi a render-se depois de serem victimados muitos dos seus habitantes, porém accudiu lhe a tempo D. Affonso Henriques e D. Egas Moniz que, com a sua gente aguerrida, conseguiram desbaratar as forças serrassenas que deixaram no campo ricos despojos Não se deram por vencidos ainda d'esta vez os moiros e voltaram em 1155 a attacar novamente Trancoso que, valorosamente defendido pelo rei D. Affonso Henriques, resistiu ao attaque.

Parece que foi esta a ultima tentativa dos moiros para se apossarem da villa.

Resistiu ainda valorosamente o castello de Trancoso ao cerco que lhe pôz D. João I de Castella quando invadiu Portugal com o seu exercito e sustentou aqui a celebre guerra dos dez annos.

N'essa resistencia se distinguiu então o alcaide-mór Gonçalo Vasques Coutinho auxiliado por João Fernandes Pacheço e Martin Vasques da Cunha, alcaide-mór de Linhares, que com a gente do povo que poderam reunir, attacaram a rectaguarda dos hespanhoes, pondo-os em debandada e tomando-lhe grandes despojos de guerra e bom numero de prisioneiros.

Esta batalha foi uma das mais gloriosas d'esta guerra, apesar das muitas victimas que houve tambem por parte dos portuguezes, alguns de alta nobresa.

Assim se inscrevem nas velhas muralhas do castello de Trancoso datas memoraveis e gloriosas para a historia patria.

Foi na villa de Trancoso que se reuniram os reis D. Sancho I de Portugal e seu genro e sobrinho D. Affonso IX de Leão para decidirem sobre o divorsio da Infanta D. Thereza de Portugal com o rei de Leão, por serem primos e terem casado sem dispensa do Papa, o que dera causa á excumunhão dos dois reinos.

Um outro facto historico de grande significação se registra na historia de Trancoso, o qual é o ter-se realisado n'esta villa o casamento do rei D. Diniz com a infanta de Aragão D. Isabel, depois rainha e Santa d'estes reinos.

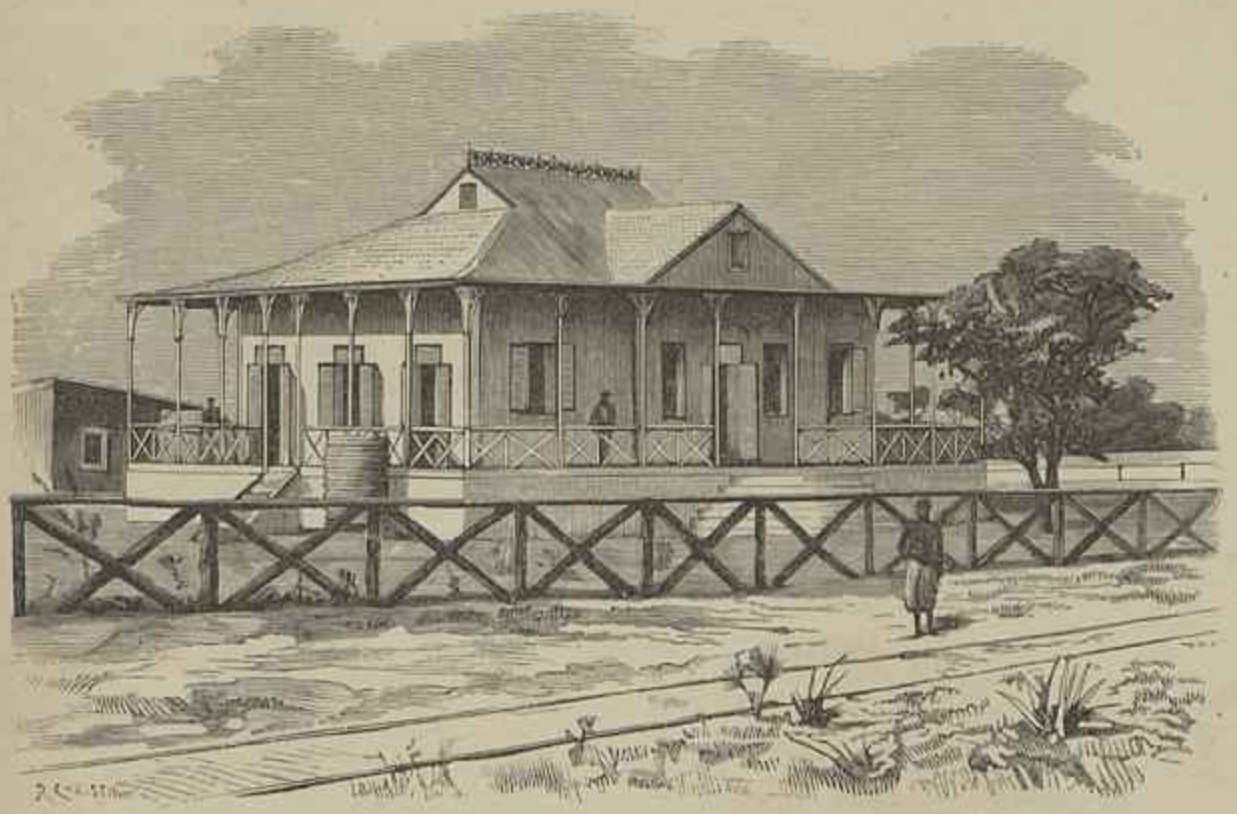
Foi a 22 de junho de 1282 que a infanta chegou á villa de Trancoso e no dia 24 se celebrou com grandes festas o casamento real na egreja de S. Bartholomeu, que era então um grande templo, no logar onde hoje existe uma pequena capella.

As festas que por esta occasião se fizeram foram das mais sumptuosas que Trancoso tem tido dentro de seus muros. Os campos dos arrabaldes transformaram se em uma grande cidade, povoados de tendas e casas de madeira, que os ricos homens e fidalgos mandaram levantar para seu alojamento, ricamente ornadas de custosas telas e estofos, tremulando por toda a parte as bandeiras de côres variegadas

Estas festas duraram muitos dias, havendo jogos, justas e torneios, conforme os usos da epocha.

El-rei D. Diniz concedeu por esta occasião muitas mercês aos fidalgos que o acampanhavam, e deu o senhorio de Trancoso á infanta que recebeu por esposa.

No reinado de D. João III foi feito duque de Trancoso o infante D. Fernando, irmão mais novo de el-rei, que tambem foi duque da Guarda. Filippe IV deu o titulo de marquez de Trancoso a D. Luiz de Portugal. O principe regente, fez conde de Trancoso o marechal-general Beresford, commandante em chefe do exercito portuguez na guerra peninsular. Em 12 de setembro de 1855 foi dado o titulo de viscondessa de Trancoso á sr.ª D. Maria do Carmo da Costa Macedo e Ornellas Sequeira Reimão; e em 15 de dezembro de 1868 foi feito visconde de Trancoso o sr. Bartholomeu da Costa Macedo Geraldes Barba de Menezes, de uma das familias mais distinctas de Portugal.



RESIDENCIA DO GOVERNADOR

(Copia de uma photographia)

A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Continuação do n.º 580)

Tendo as cortes geraes extraordinarias nomeado em 30 de janeiro de 1821 uma regencia para em nome da lei exercer o poder executivo, creou-se uma folha, orgão official d'essa regencia, no formato de folio a 2 col.

Estava então o *Diario do Governo* no n.º 36 do 2.º anno referido ao dia 10 de fevereiro de 1821. No *1.º anno* haviam sahido 55 numeros apenas.

No dia 12 appareceu a nova folha official intitulada *Diario da Regencia*. Veio com o n.º 37 como seguimento ao numero do diario findo e continuou a sahir quotidianamente até ao n.º 156—4 de julho de 1821—dia do desembarque de D. João VI, regressado do Brazil, e portanto, dia em que foi extincta a regencia provisoria.

Restabelecido no throno o rei D. João VI graças ao valor das tropas portuguezas na guerra peninsular, reappareceu o *Diario do Governo* em 5 de julho com o n.º 157, seguimento do *Diario da Regencia*, e assim foi continuando, bafejado pelo systema liberal, até 4 de junho de 1823, em que publicou o n.º 131, passando a substituil-o a façanhuda *Gazeta de Lisboa*, a qual appareceu triumphante no dia 5 trazendo o n.º 132.

Esta subita transformação foi devida á *Villafrancada*, de ridicula memoria, que d'um dia para o outro derrubou a constituição, mudando o systema governativo e restabelecendo os chamados *inauferiveis direitos* [1]

A Gazeta reapparecida trouxe no tôpo a seguinte declaração:

«Advertimos aos nossos leitores que, em conformidade das instrucções que recebemos, este periodico (o *Diario do Governo*) de hoje em diante volta a ter o titulo de *Gazeta de Lisboa*.»

Era então redactor da folha Diogo de Goes Lara de Andrade.

Em 12 de junho (uma semana depois da palhaçada d'Arroyos) appareceu no n.º 138 da Gazeta o espaventoso annuncio que passamos a transcrever:

[1] O rei D. João VI entrou em Lisboa, vindo de Villa Franca pelas portas d'Arroyos, no dia 5 pelas 9 horas da manhã. Houve *Te-Deum* solemne na egreja de S. Domingos e em Arroyos alguns populares, auxiliados pelos officiaes da 3.ª brigada de infanteria, desatrelaram as mulas do coche real e puxaram pelo carro até ao real palacio da Bemposta.

VISTA GERAL DA BEIRA

(Copia de uma photo raphia)

OS TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

PHAROL DO CHIVEVE

PHAROL DE PONTA JEA

(Copias de photographia)

«Para o dia 24 do corrente se ha de arrematar em hasta publica umas parelhas de bestas que puxaram o carrinho d'elrei quando mudou de bestas a Arroyos.»

O escandalo foi enorme nas regiões do poder; os liberaes riam-se á sucapa... A policia, azafamada, deitou-se a farejar pelo mysterioso auctor do tal annuncio, os esbirros correram a aprehender pelas casas dos assignantes, da melhor fórma que puderam, todos, ou quasi todos os exemplares do n.º 138, onde vinha o satyrico e fulminante annuncio. Rarissimos exemplares escaparam d'essa busca sendo aquelle numero substituido por outro, em tudo egual, só com a differença do annuncio, que veiu da seguinte fórma:

— Na rua Augusta n.º 15, loja de ferragens, se vende agua ferrea das Caldas, e tambem ferrea, da Venda Secca, por preços commodos e muito fresca.»

Escusado será dizer que Lara de Andrade não foi poupado pelo governo absolutista. Logo no mesmo dia o pobre redactor da Gazeta, verdadeiro bode expiatorio d'aquella mestificação foi bater com os ossos no Limoeiro apesar d'elle pretender justificar-se dizendo que o auctor do annuncio o tinha enviado para a redacção acompanhado de uma carta em que *por ordem superior era mandado publicar*, e que elle, Lara, não cuidando em reparar no conteúdo do annuncio só tratou de o enviar para a imprensa, dando em resultado da sua leviandade apparecerem na folha official aquellas cinco linhas que, para os liberaes valeram cinco dias de completa risota.

Em vista do que deixamos exposto forçoso foi demittir Lara d'Andrade. Precisava dar-se uma satisfação ao governo miguelino e aos absolutistas senhores da situação. Lara de Andrade foi demittido tomando em seu logar a direcção da Gazeta José Luiz Pinto de Queiroz, miguelista e renegado do partido liberal.

Durante o resto do reinado de D. João VI e na regencia da infanta D. Isabel Maria, bem como durante todo o tempo da usurpação, a *Gazeta de Lisboa* seguiu o seu caminho triumphal.

Em 1827 sendo ministro o conde de Saldanha foi Luiz Pinto demittido e nomeado redactor da Gazeta José Liberato Freire de Carvalho. O decreto da sua nomeação é datado de 7 de julho do referido anno.

Pouco tempo esteve este liberal dirigindo a Gazeta, porque no dia 28 foi a seu turno demittido por ter escripto dois artigos noticiando com phrases benevolas os successos da *Archotada*, sendo egualmente demittido do seu emprego de official do ministerio dos negocios estrangeiros.

Eis o theor da portaria:

«Ministerio dos Negocios Estrangeiros. — Tendo-se na Gazeta do dia 27, e continuado na de hoje, a inserir artigos que pelo seu conteúdo demonstrão não só a falsidade d'elles mas tambem no Redactor d'ella hum espirito Contrario a toda a boa ordem e opinião do Governo, socego publico e Carta Constitucional, julgou-se de absoluta precisão encarregar-se a redacção da mesma Gazeta a quem não abuse da confiança que o mesmo Governo põe na pessoa que deve dirigir este tão importante trabalho.»

«Para José Liberato Freire de Carvalho»—«Sendo os artigos que v. m. inseriu na Gazeta de Lisboa de hontem contrarios á Carta Constitucional, dirigidos a atacar a Auctoridade da Serenissima Senhora Infanta Regente e oppostos á opinião do seu Governo, Manda Sua Alteza, em Nome d'Elrei demittir a V. M. de Redactor da mesma Gazeta. O que partecipo a V. m. para sua intelligencia — Deus guarde a V. m Caldas da Rainha em 28 de julho de 1827 — Conde da Ponte.

Sabe-se que os tumultos das noites de 24, 25, 26 e 27, conhecidos pelo nome de *Archotadas* foram promovidos pelo partido liberal com o fim de reintegrar no ministerio da guerra o conde de Saldanha, que havia sido exonerado no dia 23. Os absolutistas iam assim comendo á custa da Carta simulando que a queriam observar para melhor encobrirem os seus perfidos designios até á chegada de D. Miguel e portanto romperem os compromissos que este havia tomado pelo seu juramento de fidelidade!

(Continúa) *Silva Pereira.*

Uma Heroina Franco-Portugueza

(Continuado do n.º 580)

VI

A formosa portugueza enviuvou cedo. Seu marido morreu permaturamente, com 46 annos de idade, em 1721, deixando seis filhas e dois filhos. Das filhas quatro casaram, os outros irmãos e irmãs ou morreram novos, ou solteiros. As casadas foram Joanna, que casou duas vezes uma com mr. Vincens, depois com Dupleix, Maria que tambem casou duas vezes, primeiro com o negociante Aumont, depois com o official mr. Cambault d'Auteuil, Ursula que casou com um conselheiro mr.

CAPELLA EM FONTESVILLA

(Copia de photographia)

de Saint Paul, e Rosa que desposou um fidalgo mr. d'Arboulin. A formosura da familia era M.me d'Aumont, ou M.me d'Auteuil, Maria, mas M.me Dupleix tambem tinha a reputação de ser gentilissima.

Casou muito nova, segundo o costume indiano, porque tinha apenas 13 annos e tinha 14 quando lhe nasceu o primeiro filho. Seu marido Vincens tinha 30 annos, mais 17 do que ella.

Dois annos depois do seu casamento, que foi em 1719, morreu o cirurgião Albert, e a sua familia ficou a viver conjunctamente com o casal Vincens. Foi assim que os encontrou em 1723 Dupleix, que vinha de França provido n'um cargo secundario de administração. Vincens, homem de certa importancia, era procurador geral. Tinha 34 annos, sua mulher com 17 estava na flor da sua gentileza. A sogra, a portugueza Isabel, roçando pelos quarenta, tinha dobrado apenas o cabo dos 39, devia ainda conservar os restos da sua formosura. Em torno d'ella agrupavam-se, adolescentes e crianças, as filhas e as netas, mas Isabel era uma digna representante das mulheres do seu paiz. Boa dona de casa, governando admiravelmente a numerosa criadagem, ralhando muito, mas fina e boa conselheira, vivendo sempre ao lado de sua filha mais velha, de quem só a separou a morte em 1749, economica e tanto que, apesar de não ter ficado, quando enviuvou, em boas circumstancias, poude dar de dote a cada uma das suas filhas, em dinheiro e em joias, 700 *pagodes*[1] que o sr. Güit avalia em 6:000 francos.

Isabel Rosa de Castro teve sempre incontestavelmente em sua filha uma boa e salutar influencia.

N'estas informações começamos a encontrar estes vestigios portuguezes que nos são tão gratos, e cuja doce expressão nos consola tanto do desprezo com que sempre estamos costumados a tratar-nos a nós mesmos.

N'essa colonia franceza a moeda de oiro, que ainda se contava, era o *pagode*, moeda da India portugueza, chamada indifferentemente *pagode* ou *pardau de oiro*, e n'aquella casa, onde vi apparecer o nobre vulto da Dupleix, ouvia-se muitas vezes, como veremos, na bocca da mãe e da filha a nossa querida lingua portugueza.

Foi então que appareceu em Pondichéry José Francisco Dupleix, moço de 27 annos, nomeado conselheiro do governo, cheio de espirito e de talento. Apresentado em casa de Vincens, sentiu logo, é evidente, uma terna inclinação pela joven esposa de Vincens, e ella não deixou de se sentir tambem captiva. É certo que Dupleix teve sempre as melhores relações com Vincens, que se ajudavam mutuamente na sua carreira e nas suas ambições, que foram intimos emfim. É certo ainda que M.me Vincens teve onze filhos do seu marido, e que a criança por quem Dupleix se mostra mais carinhoso, nasceu antes de Dupleix e de Joanna se conhecerem, mas ao mesmo tempo sente-se um effecto tão caloroso entre o joven official e a juvenil esposa de Vincens, ha entre as suas idades differença tão menos sensivel, entre os seus espiritos relações tão intimas, que nos é licito suppôr que o casamento que os uniu logo depois d'ella enviuvar não veio senão sanccionar um amor já bem antigo!

VII

Esse amor que evidentemente se apoderou dos dois, que vieram depois unir-se em legitima união sente-se n'uma correspondencia, encontrada pelo sr. Güit, e em que vamos achar tambem uma demonstração tocante do modo como n'aquella casa, governada por uma activa Portugueza, Isabel Rosa de Castro, M.me Albert, que preside evidentemente á educação das pequenas, como a todas as occupações caseiras, deixando as filhas livres para os divertimentos, para os estudos, para a vida de sociedade e de gabinete, o amor, a tradicção e a recordação da patria portugueza.

A filha mais velha dos esposos Vincens chamava-se Rosa—nome da avó portugueza. Quando chegou aos 9 annos, os pais mandaram-n'a para França para ser educada n'um convento. Dupleix recommendou-a logo a seu irmão e a sua cunhada! Ao irmão diz o seguinte:

«Se não fizestes caso do pedido que te dirigi, e a tua mulher, a respeito da pequena Vincens, ficarei em verdade muito morteficado. Era o unico meio que eu tinha podido encontrar para me mostrar reconhecido aos serviços e aos obsequios que tenho recebido d'essa familia. Com certeza que ella não será ingrata á bondade com que tu e tua mulher tratarem essa criança. Peço-te ainda que faças o que eu te pedi, quer dizer que a recebas em tua casa. *Se me negas isso, fico mal comtigo.*»

Sente-se um empenho furioso, que recorre a todos os meios. Fica muito mortificado se o irmão não fizer caso da sua recommendação; depois quer explicar este calor, e observa que é o unico meio que tem de pagar os obsequios que tem recebido. Depois insinúa que os pais não serão ingratos aos favores que receberem, quer dizer que sempre mandarão alguns presentes valiosos, algumas ricas mercadorias do Oriente, alguns objectos encantadores, e afinal deixa-se de ceremonias, e exclama: Se me não fazes isto, ponho me mal comtigo. E tempos depois accrescentava ainda: «Faze o que eu te pedi que fizesses pela filha do sr. Vincens. Emquanto não souber que o executas, não deixo de te perseguir.»

Em Paris o irmão e a cunhada de Dupleix haviam de rir muito d'estas cartas, e haviam de dizer que a pequena indiana era, sem o saber, muito sua proxima parenta. E n'isso enganavam-se, como vimos. Roza Vincens nascera no tempo em que Dupleix conhecera sua mãe. Nove mezes antes ainda Dupleix não vira a mulher que tanta influencia havia de exercer na sua vida.

Mas entre essas cartas ha uma de Dupleix á pequena Roza, carta cheia de mimo e de affecto, e em que se queixa d'ella lhe não ter escripto, em que lhe dá conta de uns presentes que lhe manda, e em que lhe diz que espera que, tendo ella agora já muito juizo e muita comprehensão das coisas não deixará de lhe escrever a elle sempre que poder, até que elle sinta o *prazer de ter nos seus braços aquella que era d'antes tão amiga do seu padrinho*. As palavras textuaes, como vem na brochura, são assim: «*jusques au temps où j'aurai le plaisir de tenir entre mes bras celle qui autrefois aimoit tant son Padrigue.*

O que quer dizer *Padrigue*? Evidentemente o sr. Güit não o sabe, e imaginou um d'estes nomes em que as crianças, na sua falla atrapalhada, transformam os nomes das pessoas com quem vivem. Pois não é. Evidentemente o sr. Güit principiou por confundir na leitura um *u* com um *n*, o que não admira, tratando-se de uma palavra que para elle não tinha significação. *Padrigue* deve ser substituido por *Padrigne*, e esta palavra, perdendo a sua maiuscula, mudando-se em *padrigne* passará a ser a adulteração orthographica imposta por um francez que não sabe portuguez á palavra portugueza com que é designado esse caro *padrinho*.

Ou Dupleix era realmente padrinho da pequenita, ou a pequena se costumou a tratal-o como tal, e a avó portugueza é sobretudo em portuguez que falla com a neta. E estamos a ver a pequenita a correr para Dupleix quando elle apparece á porta a chamar-lhe *padrinho*, e o grande Francez a dizer-lhe com a sua má pronuncia: Sim, sim, *padrigne*.

E não sei que doce sensação experimentamos ao sentir essa memoria portugueza que se espalha por toda a parte, levada pelos nossos irmãos que emigram, que trabalham, que luctam, que nunca se esquecem da patria, emquanto na terra nacional fica a turba dos maldizentes a considerar a patria como uma nação abjecta.

(Continúa) *Pinheiro Chagas.*

[1] Veja-se *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* por A. C. Teixeira de Aragão, t. III, pag. 97 e outras. (Lisboa, 1880).

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

V

EPISODIOS DA CAMPANHA

Tendo ficado ignorada a causa do alarme permanecemos em armas até á madrugada, entretendo tempo em conjecturas sobre a origem de tamanho reboliço, até que viemos, mais tarde, a saber o que lhe déra causa. Um forte destacamento de cavallaria inimiga, guiada por um espião hespanhol, logrou surpreender e capturar uma patrulha de dragões portuguezes que se tinham adiantado, obra de duas milhas, na estrada de Badajoz.

Os francezes avançaram, e, interpellados pelas sentinellas, responderam dando-se por portuguezes, estratagema que lhes rendeu assenhorearem-se de um destacamento do 13 de dragões, do commando do major M., que recolhia da ronda e estava a dar o penso aos cavallos. Animados pelo bom exito, vieram sobre a granja, onde estava aquartellado o nosso general; mas ali, um dos cavallos calcou debaixo das patas um soldado allemão, que accordou e lançou um grito de alarme. Tentou o dragão acutilal-o, mas o allemão defendendo-se, continuou a gritar e os inimigos, metteudo esporas aos cavallos, retiraram a todo galope. Os tiros vinham pois das sentinellas dos postos avançados, sobresaltadas com os toques de clarim e o tropear dos cavallos que iam em retirada.

Não houve mortos n'este recontro, apenas alguns dragões que, aproveitando a confusão, conseguiram escapar-se, voltavam assaz feridos.

Pelo dia adiante o resto da divisão atravessou o rio; e, no seguinte, partimos todos para Olivença, villa fortificada, que estava em poder dos francezes, e puzemos-lhe cerco.

Fomos acantonnados ao pé de um olival e com ordem expressa de não tocar nas arvores; mas, como se soube mais tarde que o dono andava mettido de gôrra com os francezes, as oliveiras foram cortadas e deram lenha excellente. Assestámos baterias e, assim que a nossa artilheria começou a varejar as muralhas, logo os da cidade alçaram bandeira branca e propuzeram capitular; não tendo, porém, os termos sido admittidos, o fogo continuou e, d'ali a poucas horas, entregaram-se como prisioneiros de guerra. O effectivo da guarnição era apenas de 300 homens. A' medida que desfilavam pela frente das nossas linhas iamos alliviando alguns do pezo das moxillas, mas nada encontravamos, dentro d'estas, que prestasse: os francezes acautelam o dinheiro e objectos de valor em um cinto que usam chegado á pelle. Não deixavamos, pois, de passar revista a toda e qualquer moxilla franceza que nos cahisse nas mãos. Era quasi certo encontrarmos alguns despojos roubados aos habitantes; camisas, sapatos, meias e até agulhas e linhas. Todavia, o soldado francez, quando se via acossado de perto, raro era não allijar desde logo a carga da moxilla, em quanto que nós outros, em casos identicos, quasi nunca tiravamos as nossas, por pouco valor que contivessem.

A 18 de abril, se bem me lembro, fômos até á aldeia de Santa Martha, onde estivemos acampados por alguns dias.

Tornou a brigada a pôr-se em movimento e, voltando para traz, passámos o Guadiana em Jurumenha; viemos outra vez por Elvas e Campo Maior e fizemos alto em Montijo, pequena villa da Estremadura hespanhola.

Os francezes tinham d'ali sahido havia poucos dias, e os habitantes soltavam amargos queixumes contra as cruezas e atrocidades que tiveram de soffrer ás mãos dos oppressores; e, não obstante, tal era a repugnancia e a supersticiosa aversão que lhe inspiravamos — *nós hereges* e estrangeiros — que nem mesmo a gratidão os impelia a acolher com boa sombra seus recentes libertadores! O comportamento d'estes fanaticos não desmentia, aliás, a attitude da maxima parte dos seus patricios, para comnosco, durante a campanha: sempre o mesmo modo altivo e soberbo; esquivos e desconfiados, quanto possivel. Quando eramos aquartellados em suas casas, a sua reserva era a mesma; por muito favor nos consentiam que dormissemos no sobrado; sahiamos sempre sem que entre uns e outros se trocasse uma saudação, ou, sequer, um olhar obsequioso. A mais leve discussão, ou supposta offensa, lançavam mão da sua arma favorita, a navalha, e, quando acertava entrarmos de serviço com os seus soldados, o modo carrancudo d'estes dava a perceber claramente que estavam bem longe de nos olharem como a amigos.

Que differença encontravamos, quer no tracto, quer nos sentimentos d'aquella boa gente portugueza! As povoações em peso das aldeias vinham sempre esperar-nos ao caminho, faziam alas, saudavam alegres os seus libertadores, e desfilavam ao som ruidoso e enthusiasta do grito: «vivam os inglezes!» — e, coitados, a maior parte das vezes, era esta a unica demonstração de agradecimento e de carinho que a extrema penuria lhes consentia. Cumpre, no entanto, observar que, em ambas as nações visinhas, o povo jaz immerso na mais profunda ignorancia; ambas viamos escravisadas pela superstição e o beaterio hypocrita; e era digno de vêr porq e forma os nossos, durante as folgas do serviço, se divertiam á custa de taes fracos. Descobriramos que esta gente vivia na fé de que, ninguem, do nosso exercito, era christão, salvo, todavia, os que affirmavam ter vindo da Irlanda. Esses sim, esses eram tidos por bons catholicos, apostolicos romanos. Para com esses, ordinariamente, desfaziam-se em obsequios; porém, se desconfiavam que os burlavamos, tinhamos acto continuo, de dar prova irrecusavel da nossa sincera fé, benzendo-nos, conforme mandam os ritos da egreja romana. Passados por esta fieira, acontecia aos falsos catholicos, enganarem-se: benzerem-se com a mão esquerda; erro sacrilego

o qual, desmascarando os farçantes, era tido como prova de enorme impiedade; e os portuguezes affastavam se, alvoroçados, gesticulando cheios de horror e exclamavam «não são christãos!» Pouco a pouco, á força de practica, foram os nossos ganhando geito, emendando tão irreverente equivocação e, sob o ponto de vista da mimica, centos de herejes incorrigiveis se transformaram em bons *christãos*.

Alguns, no intuito de melhor abusarem da credulidade d'esta boa gente, asseveravam, com a maior seriedade, que o nosso regimento era um corpo de gente escolhida entre fieis; verdadeira milicia da egreja, recrutada entre os serviçaes de um grande convento lá da Irlanda, e que tinhamos deliberado vir em santa cruzada contra os francezes infieis! Para apagar de vez as duvidas apontavamos para um castello em relevo, nas chapas dos nossos boldriés, diziamos que representava a mansão dos nossos santos padres e amos e assim acabavamos com os escrupulos. Observámos, tambem, que entre a gente ordinaria, havia notavel predilecção por certos nomes de baptismo, e designadamente pelo de Antonio, o do santo que parece ter mais devotos n'este santissimo paiz, e, d'ali a pouco o regimento... era o regimento dos Antonios.

.....

A gente pobre das villas e aldeias portuguezas, especialmente nas provincias do norte, vivia immersa na mais abjecta miseria. Nas suas miserandas pocilgas raro era terem camas: dormiam em esteiras, e, por cobertura unica, os sordidos andrajos com que labutavam de dia. Era seu alimento pão aspero e grosseiro, de milho ou de centeio, feijões, azeitonas curtidas, pássas de uva ou de figo, e batatas (os mais ricos.) Os que o podiam alcançar, uzavam azeite para tempero. Quantas e quantas vezes os imos migar n'uma caldeira, cabeças de nabos, feijões e rodas de batata; mexer tudo bem mexido e, depois de ter levantado fervura, acocorados despacharem tão complicado mixtilório com maior gana que a do rico, sentado em frente do mais opiparo bánquete.

Eram, sem duvida, melhores, as condicções do camponez hespanhol: as casas limpas e caiadas; muitas com camas erguidas do chão; e as suas pessoas isentas da sordida immundicie, tão commum entre os infelizes portuguezes das classes pobres, a favor dos quaes a natureza foi tão prodiga, quanto avaros, sempre, os governantes!

Sendo, porém, estas duas nações contiguas; irmãs na fé religiosa e andando, n'aquella época, ambas empenhadas n'uma guerra commum e contra o mesmo execrando inimigo, era maravilha vêr a aversão inveterada que mutuamente dividia os seus soldados. No proprio campo de batalha, batendo se a par uns dos outros, até pelo olhar se percebia que a arreigada hostilidade não esquecera. Evitavam-se quanto podiam e, quando acaso se encontravam, havia troca de epithetos injuriosos e, mais de uma vez, succedia conterem-se sem passar a vias de facto, unicamente pelo respeito aos officiaes e ao rigor da severa disciplina. Quando se levantava questão entre os nossos e os hespanhoes, sempre os portuguezes accudiam por nós; se a questão porém, era com os portuguezes, os hespanhoes affastavam se, indifferentes, sem que nenhum tomasse parte na contenda,

.....

É obrigatorio o recrutamento em Portugal; pois estes soldados, recrutados á força, commandados depois pelos officiaes inglezes, foram mais de uma vez exemplo de brio e valentia.

Frequentemente assistiamos á chegada das levas de recrutas, escoltados por cavallaria; amarrados uns aos outros por cordas e mais parecendo degradados conduzidos para o presidio. Vinham, coitados, tão sujos e esfarrapados, que mal se imagina! descalços, rôtos, e com aquelles chapelões de abas largas, dir se hia, á primeira vista, uma rusga de velhos mendigos: — d'ali a dias, era vêl os: já não pareciam os mesmos; — um bando de mocetões athleticos, guapos e robustos que era um gosto!

.....

Havia grandes negociatas, entre os soldados portuguezes e os nossos, com as rações da aguardente, que elles traziam n'umas cantinas de chifre, rolhadas. Sobrios, geralmente, e pouco dados ás bebidas, estavam sempre promptos a trocal-as. Quando andavam escassos os mantimentos, só acceitavam pão em troca, mas, se abundavam, queriam dinheiro. O peior, porém, era que os nossos, muitas vezes, não tinham uma coisa, nem outra, e valiam-se, então, de artimanhas. O primeiro comprimento que nos dirigiam era, estendendo nos os taes chifres da aguardente, exclamar: «Compra *róma*? Respondiamos: «Sim senhor; provemos primeiro.» — Enguliamos um valente trago e (passando a cantina a outro): «Ah! *não está bom róma!*» Com as consecutivas *provas*, lá se ia sumindo a aguardente e, então, zangados, exclamavam: Ah! ladrão, bebeu tudo! Se algum de nós regateiava, ou não estava pelos ajustes, punham elles o chifre á bocca e, fingindo que cambaleavam, diziam que iam embebedar-se, pôr se como uns *cachos* para se baterem, tal qual os seus amigos inglezes.

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero antecedente)

Origines *in Epistolam Pauli ad Romanos*. Um soberbo codice, que tolamente vimos reputado do IX seculo, mas que não o é, não podendo nós todavia affirmar mais do que, em mera presumpção, pertença a seculos pouco distantes, pois o conjugado das letras e o magnifico, inaudito, estado de conservação isso nos evidencia.

A lettra é muito assente e regular, e as illuminuras das lettras capitaes, de cada livro de que se compõe o grande volume, são de tanta riqueza, finura e perfeição que, revelam o pincel de um habil miniaturista, o qual nas suas illuminuras, restringiu a phantasia no reino animal e vegetal, isto é, plantas e insectos, e em cuja factura mostra influencia dos ultimos seculos da idade media. E' indubitavelmente, para nós, do seculo XVI.

Pantheologia *de Frei Raynerii de Piso*. Tres grandes manuscriptos de mais de trezentas folhas, de pergaminho, cada um.

E' escripto a duas columnas por pagina com caracteres francezes do seculo XV, sendo portanto uma copia. As iniciaes são bem illuminadas e algumas tem no centro delicados ornamentos. Ha copias d'este codice, que nós saibamos, na Bibliotheca de Oxford, na Cantabrica e na Ultrajectina. Na terceira parte da obra, que é o III volume, as illuminuras nas lettras iniciaes são pequeninas figurinhas de primorosa execução.

Prefactiones *per totius Anni Festivitates juxta Romanus Ritus*. O frontespicio d'este manuscripto é uma illuminura incompleta á qual falta um brazão de que se vê a corôa viscondal, sendo uma indicação preciosa. E' bôa a lettra e bem notado o canto-chão, tem tarjas e lettras iniciaes bem illuminadas a côres muito vivas e de tom neutro e especial. São bem desenhadas as cariatides que ornamentam as lettras capitaes.

Processionarius Cistercienais. Este *Processionario* é do XVI seculo, tem os caracteres e as notas do canto chão muito bem formadas e algumas iniciaes bem ornamentadas com delicadaza e gosto.

Prières durant la messe. Livrinho em formato de doze, muito gracioso nas suas illuminuras. Foi decerto coordenado por pessoa illustre, uma viscondessa, talvez, como dá a intender um monogramma timbrado, com a corôa d'aquelle titulo, que se vê no frontespicio.

O pergaminho excellente, os caracteres formosos e bem lançados, as tarjas primorosas, illuminadas a tintas finas, doiradas e brunidas tornam este livrinho muito galante, mimoso, digno, emfim, das mãos de uma nobre dama.

Regimêto do Almeirantado da India. Este codice, escripto em muito bom pergaminho com caracteres bem formados e finas illuminuras, foi feito a 14 de agosto de 1471: passado por certidão a requerimento de D. Vasco da Gama em 1524 e confirmado por alvarás de 27 de fevereiro de 1524, e 12 de abril de 1576.

Agora, que se approximam as festas da commemoração do quarto centenario do descobrimento do caminho para a India, tudo o que de perto ou de longe se correlaciona com este facto é palpitante de actualidade e digno de maior estudo.

Citando aqui este manuscripto, avaliando-o artisticamente, não podiamos, de forma alguma, esquecer o lado historico, vendo o á luz dos gloriosos factos que elle synthetisa.

Este traslado é encimado pelas seguintes linhas:

«Tomé lopez Caualeiro da Casa dal Rej nosso sr. e seu scriuã da Camara que ora ꝑ. seu mandado tenho Carreguo deprouer Comçertar e hordenar alibraria e Cartorio da torre do tombo e de guarda ali moór delle faço saber Aquãtos este meu assinado virem que no liuro das hordenacões Amtyguas he scrito e assemtado ho Regimento do Almirante destes Regnos do qual ho theor he oseguinte.»

Segue o *regimento*, que é bastante curioso e, se não fôra extenso, o transcreveriamos por completo.

Começa assim:

«Marauilhosas cousas som os feitos do mar e assignadamente aquellas que fazem os homeẽs em maneira Andar sobre ell per mestria e arte assy como é nas Naoos e gualleez e em todollos outros naujos mais peq̃nos.

E porem Amtiguamẽte os empadores e os Reis que aviam guerra p. ho mar quando Armauã naaos por guerreare seus Imiguos poinha capitaães sobrellas a que chamã em este tempo almirante, o qual he assy chamado por q. elle he e deue seer cabedel, ou guiador de todos aquelles que vaam em guallees, ou naujos pa fazer guerra sobre mar. E ha tam grande poder em na fro a como se el Rej hi presente fosse E todos aq̃les que so seu poderio forẽ, deuẽsse trabalhar de quatro cousas. A primeira que sejam sabedores de conheçer ho mar e os vemtos E a segunda que tenham naujos tantos e taaes e assy guisados e em camjnhados de homeẽs e armas e outras Cousas que ouuerẽ mester segũdo comvem ao feito que q̃rem fazer. A terçeira é que se nõ dem atardamça nem nem apreguiça aas cousas que deuem cabem assy como ho mar nõ he vaguaroso em seus feitos.

Mas fazeos asinha e depressa—bem assy os que em elle querem andar deuem seer aguçosos e apressados em nas cousas que ouuerem de fazer por tal que em quãto bõo ouuerem, nõ ho percam.

Mas ajudemsse delle em seu proueito. A quarta he que sejam muito bem mãdados aaq̃les que teuerem Carguo de os mandar ca se os da terra em sua oste ho deuem assy fazer que bem pode hyr per seus pees ou em suas bestas aqual parte lhes apuguer e quando quisem quanto mais ho deuem assy fazer os do mar cujo hyr ou estar nõ he em seu poder ou querer. Como aquelles que por cavalguaduras teem os naujos que sam de madeira e os vemtos por freos, os quaees nõ podem mandar nem teer caduez que quisem, posto que sejam em piguo demorte E por todas estas Razõees deue de seer ho agujamẽto do Almirante e seu avjsameẽto em tal maneira que cadahuũ daq̃les que com elle forem saiba o que ha de fazer ao t'po do mester e nõ espe que lho ajã a dizer ou Requerer per muytas vezes.»

Acaba aqui, este preambulo, e depois se seguem as condicções, etc., que era necessario para ser Almirante. Repetimos, é curioso e decerto este manuscripto ainda será objecto de um estudo especial, e isto pela aproximação do centenario.

Este regimento, tem, no fim, algumas variantes áquelle de que é trasladado, o qual se encontra nas *Ordenações Affonsinas*.

No verso da primeira pagina vê-se um grande brazão de conde da Vidigueira, muito bem illuminado.

Na parte inferior, ha uma nau delicadamente miniada.

E' indubitavel que este manuscripto pertenceu ao celebre navegador portuguez, ao primeiro almirante das Indias e esta supposição que nos parece ser bem fundamentada, lhe dá uma maior importancia, um certo prestigio vago, resultante da aureola que circumda o nome d'aquelle seu possuidor.

Regimento *que o Illustrissimo e Excellentissimo Senado dá para o regimen do Officio de Carpinteiro de moveis, e sambragem desta cidade de Lisboa. Anno de MDCCLXVII*. Manuscripto em pergaminho, com bem formados caracteres. O frontespicio está illuminado. Tem encadernação carmezim e nas capas dez chapas de prata ornamentadas no estylo Luiz XV.

E' verdadeiramente interessante para a historia industrial portugueza e por isso nos merece uma tão especial attenção que será objecto d'um estudo unico que d'elle faremos, em outro lugar.

Regra do Convento da Conceição de Beja, *mandada fazer por Dona Joanna de Sousa, sendo escrivã no primeiro anno, da muito reverenda madre Dona Brites Freire. Abbadessa em 1663*. E' grosseiro em suas illuminuras, porém, tem uma a oleo boa devéras. E' em pergaminho e escrip o em portuguez.

A encadernação é cheia de prata em ornatos. Póde dizer-se que vale mais a capa que as folhas.

Regra *do Bemaventurado Padre S. Bento Abbade, dada aos Freires da Ordem de Nosso Senhor Jhũ Xpõ*. Codice do XVI seculo, escripto em portuguez por frei João da Costa, a mandado do prior do convento de Thomar. Tem merecimento pela singularidade d'algumas das determinações que contem e não menos pela linguagem, ainda não bem assente. O pergaminho é bom e a lettra ca-

pital da primeira pagina bem lançada com quanto illuminada um pouco grosseiramente.

(Continúa) *Esteves Pereira.*

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 580)

IV

UM ADVOGADO

Em julho d'aquelle anno, o conego Pestana recebeu uma carta do sobrinho Silvestre, estudante em Coimbra, e por ella soube, exultante, que aquelle rebento promettedor da sua familia, estava doutorado na faculdade de direito. O novo bacharel, em paga da noticia, supplicava ao jubilo do tio algumas libras para festejar o successo com os amigos que ia deixar, e junctamente exprimir-lhe o desejo de ir advogar em Lisboa.

O conego mandou-lhe o dinheiro e parabens, mas oppoz-se ao plano da residencia em Lisboa. Que viesse para ali, para o seu lado: tinha bôas relações na cidade, e arranjar-lhe-ia, n'um mez, maior clientella do que elle, n'um anno, conseguiria em Lisboa. Documentava esta affirmativa, com o facto de estar já uma demanda á espera das primicias juridicas do novo advogado. Por isso lhe ordenava como tio e segundo pae, (Silvestre era orphão) que viesse, e viesse depressa.

Como ao fim de oito dias, não tivesse resposta, o conego vasculhava já, nas suas reminiscencias sermonaes, uma oratoria esmagadora para castigar a rebeldia do sobrinho, quando este lhe entrou pela porta dentro, brandindo o canudo de lata que encerrava as suas cartas de bacharel.

— Cá estou, tio, cá estou!

Entre os abraços, o conego radiava alegria:

— Ora sejas bem apparecido! Custou-te! Então vens com essa cabeça a abarrotar de leis, não é verdade?

— A abarrotar, tio! Não cabe lá mais uma!

— Caspité! E a respeito de palavriado? Tu tens veia para o discurso?

— Umas poucas de veias, tio: em discursos principiando eu, sou como uma fonte a deitar agua!

— Caramba! Então vaes metter toda essa tropa dos lettrados cá da terra, n'um chinello! E flores?...

O outro, abriu os olhos, sem comprehender:

— Flores?!

— Sim, se sabes amenisar os discursos com coisinhas mimosas, flores de estylo...

— Ah! — fez Silvestre, n'um riso.— A respeito de flores, sou mesmo um jardim! Verá! Agora dê-me licença de ir fazer uma barella a este cadaver que vem cheio da fumaceira da Civilisação!...

— O quê?! A civilisacão astá a arder? Então ella é de palha?

— Não digo que não seja. Mas o que eu quero dizer na minha, é que a fumaceira do comboyo me pôz peor do que um limpa-chaminés. Flores, tio, flores de estyllo!... Tenho tantas na cabeça que até lhes dou uso domestico.

— Homem, sabes que mais? tu sahes-me mais esperto do que eu esperava. Digo-te que has-de fazer vida nos tribunaes.

— Amen, tio! Agora vou-me lavar, e, se lhe apraz, pode ir já recommendando o meu estomago á cosinheira.

Por este dialogo, adivinha-se que o bacharel Silvestre Pestana não trazia o espirito nem o corpo enchouriçado com o somnolento recheio dos seus codigos doutoraes. Alto, franzino, com mobilidades nervosas, havia na sua pessoa uma alegria despreocupada e communicativa que o tornava sympathico. Usava *toilettes* de uma elegancia exaggerada, gravatas apparatosas, de cores vivas; — e este exterior apedantado, com a aggravante de um monoculo que elle nunca abandonava, mascarava a sua indole generosa e nobre, n'uma irritante appparencia de janota officioso.

Isto mesmo notou o conego, nos primeiros dias em que Silvestre alvoroçou a cidade com a exhibição do seu monoculo e dos seus fatos;—e, prudentemente, aconselhou-lhe a que moderasse aquelles excessos, antipathicos á indole rotineira e burgueza da cidade. Silvestre bracejou, declamou, injuriou os conterraneos, mas pouco a pouco foi supprimindo os *sujets* de escandalo na sua exterioridade, conservando todavia uma linha de elegancia inaccessivel aos alfayates da terra.

Feita esta primeira concessão ao publico, o bacharel abriu o seu escriptorio, o seu intellecto e os seus codigos, á justiça dos opprimidos. O tio conego, para iniciar com gloria a carreira do sobrinho, tinha-lhe conseguido uma demanda que D. Florencia Felgueiras, como tutora de sua sobrinha Rosalia, intentara contra um visinho d'uma das suas propriedades ruraes, por disputa de direitos sobre umas aguas de rega.

— Quem é esta senhora? — perguntou Silvestre, folheando e papellada do litigio.

— Uma brazileira. Boa pessoa. Se lhe vences a questão é capaz de te mandar um odre cheio de libras!

— Ui! O tio tambem faz flores?

— Flores?!

— Sim, das taes. Esse odre cheio de libras, se não é uma flor de rhetorica, é um florão de sua graça ecclesiastica.

— Eu disse aquillo, para te dar a entender que tens um presentão! Ella tem dinheiro como terra, e é generosa quando quer. Isto é: o dinheiro não é d'ella, mas a sobrinha não lhe vae á mão.

— Sim, aqui, n'este requerimento, está «D. Florencia de tal, como tutora de sua sobrinha... etc.». E que tal é esta sobrinha?

— Boa rapariga; bonita... Uma assim, é que tu devias arranjar para mulher, meu valdevinos!

— Eu, casar-me?! Vade retro! N'essas coisas, reverendo tio, sou como os padres: gosto de amar o meu bocado, mas sem me prender...

— Estás um farcista!..

— Philosopho, tio! philosopho é que eu estou. Se não fosse por causa da batina e de todas essas vestimentas incommodas, sabe o que eu tinha feito?.. Em lugar de advogado, estava padre a estas horas. Porque, aqui para nós, os senhores levam-na boa e regalada!

O conego sorriu, e disse, esperguiçando-se:

— Com a ajuda de Nosso Senhor!

E depois, com voz mais atenta:

— Emfim, vê lá essa papellada, estuda bem a questão p'ra te sahires airosamente da primeira tentativa. Depois, lá p'ra as duas horas, prepara-te para irmos visitar a tua cliente.

— Hoje?

— Pois então! Ella quer conhecer-te, a D. Florencia, e eu prometti que te apresentaria hoje, sem falta. Acho que quer que tu vás á propriedade do litigio, ver as aguas...

— Oh, que estopada! Começo bem, não ha duvida! Aturar, logo de entrada; uma creatura que só falla, naturalmente, em «caipoiras», na «Tijuca» e no «sabiá»! Irra, é de entupir, reverendo tio!

— Meu amigo,—fez o conego, com pachorra,—ossos do officio!

— Com a breca! este é duro!

— Pois é roêl-o, meu caro, é roêl-o! Bem, não te esqueças; ás duas horas cá appareço para irmos.

E o ecclesiastico sahiu, deixando Silvestre a tosquenejar sobre a papellada juridica Quando á hora aprazada tornou a apparecer, surprehendeu o sobrinho estirado n'uma poltrona, a fumar, de olhos vagos.

— Então, a coisa vae?

— A questão? Vae indo, aos bocados... Agora estava eu a digerir o primeiro

— O primeiro, quê, homem?

— O primeiro bocado da questão. E declaro-lhe, reverendo tio, que estou empanturrado. O passeio vae fazer-me bem. Vamos lá, hein?

— Vamos, são horas.

E ambos alegres, contentes com a vida, seguiram, palestrando, para a casa do Palmeirão.

(Continúa.)

CASTELLO DE TRANCOSO

(Copia de uma photographia do sr. C. A. de Souza Pimentel

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37